

# OS TRÊS AMORES DE MADRE TERESA DE SALDANHA

D. António Ribeiro - Cardeal Patriarca de Lisboa

**FÁTIMA, 8 DE OUTUBRO DE 1988**

## TEMPO DE ACÇÃO DE GRAÇAS

1. Viemos hoje a Fátima para encerrar, neste lugar de especial significado religioso, as comemorações dos 150 anos do nascimento de Teresa de Saldanha, Fundadora da Congregação Portuguesa das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena.

Trouxe-nos aqui o propósito de agradecer a Deus o exemplo de uma vida que, apesar de ter experimentado a morte há quase três quartos de século, continua a iluminar os nossos caminhos. E queremos, sobretudo, dar graças ao Céu pela obra que Madre Teresa nos legou, a sua Congregação de Irmãs Dominicanas, agora presente e actuante, não apenas em Portugal, mas também no Brasil e em Angola.

Ao longo do ano das comemorações, múltiplas e belas coisas se disseram, e se escreveram, e se fizeram, em torno da figura de Madre Teresa, do seu tempo e da sua admirável actividade apostólica. Não é necessário repeti-las, no momento presente.

Hoje e aqui, desejo simplesmente sublinhar, para vossa e minha meditação, três traços fundamentais da fisionomia espiritual de Teresa de Saldanha. Poderia chamar-lhes os três grandes amores de Madre Teresa e creio que neles se corporiza a actualidade perene do carisma da Congregação que ela fundou.

## O AMOR DE DEUS

2. Quem lê os escritos de Teresa de Saldanha e conhece os testemunhos que dela deram os seus contemporâneos, apercebe-se facilmente de que o primeiro grande amor da sua vida foi o amor de Deus manifestado em Cristo Jesus. Conhecer e seguir a vontade de Deus a seu respeito, descobrir o querer divino nos acontecimentos do dia-a-dia, conformar-se com a vontade divina conhecida, resignar-se activamente diante de factos e acontecimentos para os quais não encontra outra explicação, a não ser porque Deus assim quer ou permite - eis alguns traços bem significativos da espiritualidade de Teresa de Saldanha.

Já se afirmou, e talvez com acerto, que a espiritualidade de Madre Teresa não se caracteriza por altos voos místicos, nem por extraordinárias manifestações sobrenaturais. E, se alguma vez sentiu coisa semelhante, não hesitou em contrariá-la, como aliás expressamente refere: "Aspirações estavam a levar-me demasiado longe e eu tenho de as deixar por outras mais adequadas ao tempo". É uma espiritualidade bem inserida no quotidiano, de pés assentes no tempo presente e nas realidades que é necessário viver, sem fuga nem compromisso. Dir-se-á que é uma espiritualidade semelhante à da maioria dos santos portugueses, pouco atreitos a fenómenos místicos espectaculares.

Não se conclua, todavia, que Madre Teresa de Saldanha não foi uma contemplativa. Foi-o, certamente, em grau notável, imbuída como estava do sentido da presença de Deus, da soberania

do Seu querer divino, do absoluto do Seu Ser, que tudo o mais relativiza e subordina. Foi uma contemplativa na acção.

Reside aqui - estou disso seguro - a primeira lição de actualidade da Fundadora das Dominicanas Portuguesas. Hoje como ontem, o mundo precisa de testemunhas de Deus. Precisa de cristãos - padres, religiosos, religiosas e leigos - que vivam "como se vissem o invisível", alicerçados no absoluto da fé e projectados no quotidiano da existência para a acolher e transformar. Primeira lição e primeiro apelo, a que não podemos furtar-nos, todos os que decidimos comemorar os 150 anos do nascimento de Teresa de Saldanha.

## **O AMOR DOS POBRES**

3. O segundo amor de Madre Teresa foi, indubitavelmente, o amor dos pobres.

Sendo rica, sobretudo em bens de cultura e linhagem de nascimento, não receou fazer-se pobre por amor dos pobres. Logo na juventude, dedicou-se com entusiasmo à Associação Protectora das Meninas Pobres, da Rua de Santa Marta, onde exerceu relevante actividade. E mais tarde, quando pensa fazer-se religiosa, é sempre o serviço dos pobres que a seduz. Deseja uma Congregação voltada para a promoção dos mais desfavorecidos. Ela própria assim escreve: "Em Lisboa nada existia, nesse tempo, à e Comunidades Religiosas dedicadas à vida activa; nem Hospitaleiras, nem Doroteias; as Irmãs de Caridade francesas tinham sido expulsas; portanto, a falta tão grande de uma Congregação que se dedicasse ao serviço dos pobres e educação de crianças fez-me desejar imenso trabalhar para realizar o meu sonho, o que assim parecia nesse tempo semelhante plano, pelas dificuldades que se julgavam invencíveis".

A História das Dominicanas Portuguesas de Santa Catarina de Sena diz como o sonho se realizou e as dificuldades se venceram. Desde o começo, as Irmãs cuidaram dos doentes, dos diminuídos, dos marginalizados e ofereceram educação e instrução a numerosas gerações de poucos haveres. E, mesmo quando a Fundadora decidiu abrir os seus colégios a alunas mais abastadas, fê-lo a pensar nos pobres, pressentindo, justamente, que não é possível promover os mais desfavorecidos, sem converter os ricos, sem formar mulheres e homens novos, de coração aberto aos clamores da pobreza e da miséria moral e material.

Neste amor preferencial pelos pobres, reside a segunda grande lição de Madre Teresa. E daí se ergue um apelo que ninguém pode deixar de ouvir. Ele constitui a essência do Evangelho de Cristo. De nada vale falar línguas ou realizar prodígios, se em nós não existe amor de Deus e dos homens. De nada serve percorrer caminhos ásperos, se não for para evangelizar os pobres, libertar os cativos, remover o jugo da opressão e anunciar a todos a alegria do jubileu dos tempos novos, os tempos da justiça e da verdade, do amor e da paz.

Nenhum cristão deve esquecer este apelo. E muito menos o podem ignorar as Irmãs Dominicanas Portuguesas. Dos seus colégios e das suas instituições, necessário é que continuem a sair mulheres e homens renovados pelo Evangelho de Cristo, sempre solidários com os mais pobres e decididos a colaborar activa- mente na construção de um mundo mais justo e fraterno.

## **O AMOR DA PÁTRIA**

4. Por fim, o terceiro amor de Madre Teresa de Saldanha foi o amor da pátria.

Sofreu, como se fora na própria carne, os agravos que se fizeram à genuína alma da Nação, a partir de meados do século XIX. E não se resignou, sem levar por diante quanto estava ao seu alcance para modificar o estado de coisas, em que lhe foi dado viver. Sempre quis trabalhar em Portugal e não imaginava a sua Congregação, a não ser portuguesa e posta ao serviço da regeneração espiritual da sua Pátria.

Era a percepção exacta das enormes necessidades, então existentes, que a levava a pensar e sentir assim. Em nome da "civilização e das luzes do século", as Ordens e Congregações Religiosas haviam sido suprimidas, em 1834, e desde então tornavam-se, cada dia, mais prementes as urgências sociais de educação dos jovens, de amparo das crianças pobres e dos órfãos, de cuidado dos doentes, de protecção das raparigas em perigo moral. Tanto que fazer e tão pouco quem o fizesse!

A tenacidade de Teresa de Saldanha era, todavia, maior do que os obstáculos erguidos à sua frente. O seu amor a Portugal lançava-a na ousada aventura de fundar uma nova Congregação religiosa, que desse resposta a carências daquele género. Teresa não se resignou, não cruzou os braços, não esperou que outros fizessem o que deveria ser feito.

Também nisto vejo uma lição e descubro um apelo de notória actualidade. Certo é que já não estamos em 1834, nem sequer em 1910. Mas continua a ser preciso honrar e engrandecer Portugal. Este é, aliás, dever perene de todos os cidadãos, particularmente dos católicos. Diz o Concílio Vaticano II: "Os católicos sintam-se obrigados a promover o bem comum, na dedicação à pátria e no fiel cumprimento das obrigações civis, e façam valer o peso da sua opinião, de modo a que o poder civil se exerça com justiça e as leis correspondam aos preceitos morais e ao bem comum" (AA.14).

A sociedade portuguesa ainda não saldou a dívida de gratidão contraída para com a Fundadora das Dominicanas de Santa Catarina de Sena. Mais do que certos nomes, merecia figurar o de Teresa de Saldanha nalguma rua de Lisboa e, porventura, de outras cidades do país.

E também o Estado ainda não reparou a grave injustiça cometida em 1910, quando esbulhou Madre Teresa da Casa-Mãe da sua Congregação, o então Colégio de São José de Benfica, casa por ela adquirida com meios patrimoniais próprios e devidamente registada em seu nome pessoal. O esbulho, além de injusto, terá mesmo sido ilegal, dado que a lei autorizava a confiscação dos bens dos institutos religiosos, mas não os dos cidadãos particulares.

Mas já vai longa esta palavra e, por isso, a termino.

Os três grandes amores de Madre Teresa reduzem-se, afinal, a um só: o amor de Deus prolongado no amor dos irmãos, sobretudo os mais carecidos.

A Virgem Maria, em cujo Santuário hoje nos reunimos, nos alcance a graça de, no nosso tempo e à nossa maneira, seguirmos o exemplo que nos deixou Teresa de Saldanha, nascida há 150 anos.